

## LITERATURA

- (2012b). *Camões no Oriente e Outros Textos*. Lisbon: Labirinto de Letras.
- Röder, Mathias (2009). ‘Vom kopfüber Hängenden oder *daoguaniao*’, in Roderich Ptak (ed.), *Tiere im alten China. Studien zur Kulturgeschichte*. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 17-30.
- Schaab-Hanke, Dorothee (2012). *Auf chinesischen Märkten. Bambuszweig-Lieder und Bilder zu den “360 Gewerben“*. Großheirath: Ostasien Verlag.
- Tang Kaijian 汤开建 (1997). ‘Qu Dajun e Macau’, *Revista de Cultura* 32 (1997), pp. 87-104.
- (1998). ‘Tang Xianzu yu Aomen’ 汤显祖与澳门, in same, *Ming Qing shidafu yu Aomen* 明清士大夫与澳门. Macao: Aomen jijinhui, pp. 68-85.
- Teixeira, Manuel (1977). *A Gruta de Camões em Macau*. Macao: Imprensa Nacional.
- The Macau Ricci Institute (ed.) (2006). *Culture, Art, Religion: Wu Li (1632-1718) and His Inner Journey. International Symposium Organised by the Macau Ricci Institute, Macao, November 27th-29th 2003*. Macao: Instituto Ricci de Macau.
- Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Português (eds.; i.e., Rui Martins et al.) (2010-2011). *DITEMA: Dicionário Temático de Macau*, 4 vols. Macao: Universidade de Macau.
- Wang Ting 王頊 (2005). ‘Haiwai zhenqin “daoguaniao” kao’ 海外珍禽 ‘倒挂鸟’ 考, in same, *Xiyu Nanhai shidi yanjiu* 西域南海史地研究. Shanghai: Shanghai guji chubanshe, pp. 111-128. Also in Ji’nan daxue lishi dili yanjiu zhongxin... 暨南大学历史地理研究中心..., Wang Ting (eds.), *Zhongguo lishi dili yanjiu* 中国历史地理研究, vol. 3. Guangzhou: Ji’nan daxue chubanshe, pp. 86-104.
- Wang Yuanming 王远明 (2006). ‘Xiangshan: yi zhong diyu wenhua de chanshu yu jiedu’ 香山：一种地域文化的阐释与解读, *Xiangshan wenhua lunwang* 香山文化论网 57 (6/2006; on <http://www.yuehaifeng.com.cn/YHF2006/yhf2006-06-13.htm>; accessed 29-09-2015).

- Wang Zongyan 汪宗衍 (1970). *Qu Wengshan xiansheng nianpu* 屈翁山先生年谱. Macao: Yujin shuwu.
- Wu Zhiliang and Yang Yunzhong 杨允中 (eds.) (2005): *Aomen baiké quanshu* 澳门百科全书 (*Enciclopédia de Macau*). Macao: Aomen jijinhui.
- Xu Shuofang 徐朔方 (1980). *Tang Xianzu nianpu* 汤显祖年谱. Shanghai: Shanghai guji chubanshe.
- (1993). *Tang Xianzu pingzhuan* 汤显祖评传. Nanjing: Nanjing daxue chubanshe.
- (ed.) (1998). *Tang Xianzu quanji* 汤显祖全集, 3 vols. Beijing: Beijing guji chubanshe.
- Yao Pinwen 姚品文 and Long Xiangyang 龙祥洋 (2003). ‘Tang Xianzu yu Hainan dao’ 汤显祖与海南岛, *Hainan shifan xueyuan xuebao (shehui kexue ban)* 海南师范学院学报 (社会科学版) 66 (4/2003), pp. 76-80.
- (Li) Yigang (李)毅刚 (comp.) (1990). *Aomen sibai nian shixuan* 澳门四百年诗选. Macao: Aomen chubanshe.
- Yin Guangren 印光任 and Zhang Rulin 张汝霖 (authors), Zhao Chunchen 赵春晨 (ed. of annotated Chinese version), Jin Guoping (tr., notes), Rui M. Loureiro (scientific revision) (2009). *Breve Monografia de Macau*. Macao: Instituto Cultural do Governo da RAEM.
- Yu Zhaopeng 余兆鹏 and Yu Hui 余晖 (2008). *Wen Tian xiang yan jiu* 文天祥研究. Beijing: Renmin chubanshe.
- Zhang Jianhua 张剑桦 (2009): ‘Aomen wenxue yuanliu yu hanyi zhi bianxi’ 澳门文学源流与涵义之辨析, *Guangxi shifan daxue xuebao (zhhexue shehui kexue ban)* 广西师范大学学报 (哲学社会科学版) 6/2009 (on: [http://www.cssn.cn/73/7301/201207/t20120727\\_117406.shtml](http://www.cssn.cn/73/7301/201207/t20120727_117406.shtml); accessed 28-09-2015), parts 1 and 2.
- Zhang Weimin 张维民 (tr.) (1995). *Lujitaniyaren zhi ge* 卢济塔尼亚人之歌, 2<sup>nd</sup> ed. Beijing: Fundação Oriente and Zhongguo wenlian chuban gongsi.
- Zheng Weiming 郑伟明 (2012). *Aomen wenxue shi* 澳门文学史. Ji’nan: Qi Lu shushe.
- Zhang Wenqin 章文钦 (ed.) (2007). *Wu Yushan ji jianzhu* 吴渔山集笺注. Beijing: Zhonghua shuju.

# Macau em *Os Dores*, de Henrique de Senna Fernandes

MARIA DE LURDES N. ESCALEIRA\*,

FERNANDO MANUEL MARGARIDO JOÃO\*\*



## INTRODUÇÃO

Em 2010, após o desaparecimento de Henrique de Senna Fernandes, várias foram as iniciativas realizadas para homenagear o escritor macaense que fez de Macau o mote para a sua escrita e se assumiu plenamente como *filho da terra*.

Os seus contos e romances dão-nos a conhecer um Território, que apelida de *mátria*, onde se

movimentam personagens que nos levam a percorrer o Macau geográfico e social do século xx.

Macau, caso único a nível mundial no que respeita ao seu estatuto de território chinês sob administração portuguesa e uma pequena cidade onde imperava, maioritariamente, tudo o que dizia respeito ao Oriente, desde a língua, aos costumes e a todo um conjunto de princípios e valores, foi, ao longo de mais de quatrocentos anos, marcado pela cultura ocidental, nomeadamente a portuguesa.

Esta situação, em que as duas culturas mais influentes vivem lado a lado mas não convivem efectivamente, define a própria geografia da cidade dividindo-a, se não em várias cidades, pelo menos em duas, a “cidade chinesa” e a “cidade cristã”.

Podemos dizer que se trata de coexistência de duas cidades: “uma cidade em que os portugueses se sentem em casa e em que os chineses estão de visita e a outra metade em que os portugueses e os macaenses se sentem fora do lugar, num ambiente estranho e são vistos como pessoas de fora ...”.<sup>1</sup>

Esta divisão está bem presente no romance *Os Dores*, onde as personagens vão penetrando em espaços que não sentem como seus, onde são vistos como estranhos e deslocados, sendo, igualmente, visível no ritmo de vida e nas vivências de cada uma destas cidades. Por exemplo, numa referência ao Carnaval, o

\* Licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto e em Gestão e Administração Pública pela Universidade de Macau. É Mestre em Gestão e Administração Pública. Doutorou-se em Didáctica das Línguas na Universidade do Porto. É docente do Instituto Politécnico de Macau. É autora de vários artigos e do livro *Ensino da Tradução em Macau: Dos Currícula Propostos à Realidade de Mercado* (2013).

Graduate in Philosophy from Oporto University and in Management and Public Administration from the University of Macau; M.A. in Management and Public Administration; Ph.D. in Didactics of Languages from Oporto University. Currently lecturing at the Macao Polytechnic Institute. She has published various articles and the book *Tradução em Macau: Dos Currícula Propostos à Realidade de Mercado* (2013).

\*\*Licenciado em Administração Escolar e Educacional, é mestre em Gestão Curricular pela Universidade de Aveiro e doutorando em Língua e Cultura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Desempenhou funções lectivas e de administração escolar, em Portugal, até 2009, ano em que ingressou no Ensino Luso-Chinês de Macau.

Degree in School Administration and Educational Administration, Master in Curriculum Management from the University of Aveiro and Ph.D. student in Portuguese Language and Culture at the Faculty of Arts, University of Lisbon. Teacher and school administration member, in Portugal, until 2009, the year he joined the Macao Luso-Chinese Education.

## LITERATURA

## LITERATURE

Ruínas de S. Paulo, c. 1900.



autor afirma que é um tempo durante o qual a “febre pairava sobre a ‘cidade cristã’” (123), mas os chineses ficavam “indiferentes às coisas burlescas do Carnaval” (125). Também na Quaresma se verifica uma nítida divisão entre a “cidade cristã”, que a vive intensamente e que se recolhe num recato em que o simples facto de ir ao cinema ou passear no Bazar era visto como pecado (142), e uma cidade chinesa que continua a sua vida de todos os dias, indiferente a este rigor e a esta alteração do quotidiano, mesmo na forma de vestir das senhoras.

É este contexto que transparece e influencia a obra literária da maior parte dos escritores macaenses ou daqueles que, não o sendo, escreveram sobre Macau ou tomaram a cidade como espaço onde se movimentam as personagens dos seus contos e romances.

É também esta a Macau para que nos remete uma leitura de *Os Dores*, de Henrique de Senna Fernandes, centrada no retrato dos lugares, alguns deles já desaparecidos, onde se tecem as vidas das personagens deste romance, publicado a título póstumo.

Profundo conhecedor da sua cidade e, sobretudo, sentindo Macau como a sua *mátria*, o autor reconhece esta divisão, não só em termos topográficos, mas, igualmente, nos seus aspectos sociais e culturais.

Henrique de Senna Fernandes descreve ambientes que despertam e transmitem imagens e sensações e transportam, mesmo aqueles que não os conheceram, para a escuridão das ruas e becos da “cidade chinesa” ou do Porto Interior, ou para a luz e o ar puro e fresco das praias e recantos à beira-mar e dos espaços verdes que caracterizavam a “cidade cristã” ou para as “longínquas” e perigosas ilhas da Taipa e de Coloane que ficavam, nas palavras do autor, no “cu de Judas”.

É através das vidas, fartas e desafogadas, humildes e honestas, despreocupadas e errantes ou algo esconsas e obscuras das suas personagens, que Senna Fernandes nos transporta para os lugares que estas percorrem ou que lhes são impostos pela sua condição ou estatuto económico, social ou cultural e que fazem a Macau simples, serena e tolerante que o autor pretende recuperar, face à modernidade e crescimento desmesurado a que assistiu na última fase da sua vida.

Esta mudança inevitável de Macau e o saudosismo que provoca, pelo seu desaparecimento lento, é tornado consciente através da verbalização dos pensamentos

e das atitudes das personagens que tentam guardar na memória os pedaços da cidade que sabem irão desaparecer e se vão adaptando às novas realidades físicas e sociais.

O romance *Os Dores* permite várias abordagens. Contudo, olhar Macau numa vertente de espaços, tornados únicos por quem os habita ou frequenta e pelo confronto do antes e do agora que as várias descrições suscitam, torna esta obra um manancial de sensações, de viagens e roteiros percorridos e a percorrer.

A nossa abordagem realça, essencialmente, o espaço, não só o espaço físico descrito pelo autor mas, ao mesmo tempo, o espaço social em que as personagens se movem, ao qual pertencem ou não e, igualmente, o espaço psicológico que as mesmas vivenciam, de acordo com as respectivas personalidades, estados de espírito ou emoções que vão experimentando pela dinâmica da acção.

Partimos da convicção de que “[o] texto literário é um dos meios de acesso à compreensão do mundo, é um dos meios de investigação, pois é ele próprio uma escrita do mundo ... [a] literatura permite conhecer os arquétipos, os ideais, experimentar a alteridade” (Abdallah-Preteille: 149).

Através do discurso literário, ora narrativo ora descritivo, Henrique de Senna Fernandes vai relatando acontecimentos, que situa no tempo e nos lugares “reflectindo a realidade e o sonho, o passado e o presente, o vivido e o imaginado” (Abdallah-Preteille: 148), situações e experiências conhecidas ou imaginadas, socorrendo-se, paralelamente, da descrição não só das personagens mas dos espaços e do tempo em que toda a trama se desenrola.

Várias são as situações em que o espaço físico onde a acção decorre é apresentado independentemente das personagens. Assim, o autor interrompe a dinâmica da acção e dá-nos informações sobre o espaço geográfico exterior, descreve-nos o interior de uma habitação, construindo desta forma os cenários que nos vão situando no desenvolvimento da narrativa. O espaço é também apresentado de uma forma subjectiva, englobando todos quantos nele se movimentam, mais próximo do campo psicológico das personagens.<sup>2</sup> Temos, assim, não só um espaço físico propriamente dito mas um espaço metafórico relacionado com os sentimentos e as emoções que desperta nas personagens, ligando-as inexoravelmente a ele, não lhes permitindo uma existência independente.

## LITERATURA

## LITERATURE

## A OBRA DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

A obra de Henrique de Senna Fernandes mostra a cidade e a sociedade de Macau a partir da visão de um interlocutor privilegiado, visto o próprio autor ser macaense, conhecer cada recanto de Macau e movimentar-se dentro da teia de relações sociais que caracterizam a Macau do século xx.

Este autor canta uma Macau habitada por gentes de diferentes etnias, dando destaque ao sentir humano, descrito de forma simples e profunda. Macau é povoada por lugares que moldam a vida dos seus habitantes já

Aspecto da Rua da Felicidade nos inícios do século xx.



que cada espaço parece assumir vida e ser um pedaço de história: “cada canto de Macau, seja avenida, seja calçada, beco ou pátio, tem o seu encanto e respira de vida, [...] Esteja onde estiver o personagem retratado, há-de ele reportar-se a Macau, mais cedo ou mais tarde.”<sup>3</sup> Mas, a cidade que nos traz até nós é simples, de pequena dimensão, onde todos se conhecem: “é a Macau de céu imenso e de mar à porta, a Macau dos bairros, das tunas e dos ‘assaltos’ de Carnaval, a Macau das beatas, da chuchumequice<sup>4</sup> e do maldizer, a Macau das fontes e dos poços, a Macau das tranças, da Felicidade, do *cheong sam*, das *pi-pá-chai*, Macau dos cules, pregões e *tin-tins*.”<sup>5</sup>

O próprio autor assume<sup>6</sup> que, em Macau, só por paixão se pode escrever em português, considerando-se um solitário que, através da sua escrita, com paixão e persistência ia construindo o seu próprio mundo, onde se sentia realizado.

Este mundo não passa além da sua cidade e, daí, que estejamos perante “um caso único, realmente, um romancista que escreve livros profundamente enraizados na realidade de um mundo macaense”,<sup>7</sup> “na memória de um Macau do princípio do século xx ou da primeira metade do século xx”.<sup>8</sup> E de tal forma o faz, que, afirma ainda este estudioso,

“nos romances deste escritor, havia certas actividades, se davam passeios até praias que já não existem mais porque passaram a ser aterros também, passatempos, por exemplo [...] havia mais espaço verde em Macau, mais zonas verdes, mais natureza, que já não existe, portanto, há uma tentativa [...] em recuperar um Macau mais provinciano, idealizado talvez, menos moderno.”<sup>9</sup>

Relativamente ao romance *Os Dores*, a sua publicação em Setembro de 2012, por ocasião do segundo aniversário do falecimento do autor, integrou-se no projecto de divulgação<sup>10</sup> da obra completa de Henrique de Senna Fernandes, levada a cabo pelo Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, que inclui as obras já editadas bem como a edição dos vários manuscritos deixados pelo autor.

Trata-se de “um livro incompleto, assumidamente incompleto ... É claro que o autor não queria isso, queria acabar a história, mas lança os dados e o leitor melhor deixará a sua imaginação funcionar e dar o desfecho que ache justo”.<sup>11</sup>

É, ainda, um romance que nos transporta para a Macau do início do século xx, tendo-se privilegiado na

nossa análise os aspectos que se prendem com lugares de Macau, cujas descrições nos fazem embarcar numa viagem por ruas e becos da cidade, nos convidam a entrar no interior de casas e igrejas e a conhecer a sociedade da época. *Os Dores* conduzem-nos por uma cidade de um passado não muito longínquo e despertam a curiosidade pela descoberta de uma realidade rica e densa, na tentativa de revelar o que ainda resta após o enorme desenvolvimento que tem vindo a mudar os rostos de Macau.

OS ESPAÇOS E OS LUGARES EM OS DORES<sup>12</sup>

A leitura de *Os Dores*<sup>13</sup> permitiu-nos, a partir de uma análise do discurso do romance, ir à descoberta dos recantos de Macau, ruas, vielas, edifícios, jardins, e de acontecimentos sociais que marcavam o quotidiano da sociedade daquela época.

O enredo passa-se em Macau, “Terra do Santo Nome de Deus” (73), na primeira metade do século xx, tendo início numa “tarde triunfal de sol, naquele dia de Outono de 1908” (15) e, tanto pela descrição dos factos sociais como pela vida de Leontina das Dores, depreende-se que se prolonga até ao período pós-Primeira Guerra Mundial.

A figura principal, tal como todas as outras heroínas,<sup>14</sup> tem uma vida de sofrimento e acalenta sonhos e a esperança de um dia poder ser feliz ao lado do homem que ama, desde pequena, e do qual se viu sempre afastada devido à sua condição de órfã sem eira nem beira e à fraqueza de Floriano que, apesar da sua juventude e inteligência, não tem energia para lutar contra as convenções sociais e as imposições familiares.

O espaço desempenha um papel crucial no desenrolar da vida das personagens, o que se torna bem patente sempre que o autor nos fala da personagem principal, Leontina das Dores. Na cabana de Coloane, Leontina sobrevive como que suspensa no vazio, visto não possuir nem mesmo uma identidade, é uma rapariguita sem nome nem idade certa,<sup>15</sup> e ocupar um espaço que não lhe pertence; em casa dos Policarpo é-lhe destinado um espaço só para

ela visto não se poder misturar com as criadas chinesas nem pertencer à família; na Casa das Canossianas é uma estranha no meio das órfãs chinesas, e assim, sucessivamente. Mesmo quando se impõe e obriga Lucas Perene a aceitá-la em casa deste, não o faz por querer pertencer àquele espaço mas somente porque não tem para onde ir e se encontra numa situação desesperada, tendo perdido todo o apoio e a aceitação mesmo das amigas (Eunice e Júlia).

Apesar de Leontina querer ultrapassar as barreiras do espaço físico, com recurso ao espaço psicológico que lhe é proporcionado pelas instruções transmitidas pela Primazia e pelos sentimentos que vai acalutando dentro de si, em última instância é o espaço que vai determinando o desenrolar dos acontecimentos e a atira para outro espaço, o qual, por sua vez, determina os dias e as vivências sempre na expectativa de vir a ocupar o espaço físico que lhe daria estatuto e o reconhecimento de pessoa “branca e alourada” (17) que possuía um bom domínio de português.

Na Macau dessa época, cada pessoa parecia pertencer a um determinado lugar e o facto de se encontrar num espaço que não o seu causava estranheza. O autor usa o facto de Leontina ser caucasiana, encontrada numa cabana de uma velha chinesa, que não conhece pai nem mãe, para nos mostrar a importância do espaço como determinante da personalidade e do desenrolar da história de vida de cada um. Leontina nunca se enquadra em nenhum espaço: era imperioso tirá-la da cabana da velha chinesa, passou a *biche*,<sup>16</sup> *crioula* da casa dos Policarpo mas tinha que ficar escondida, porque era estranho ter uma menina branca nessa posição e isso fez com que muitos pensassem tratar-se do resultado de uma aventura amorosa de Remígio Policarpo; era estranho ver uma menina de pele branca e a falar um bom português num lugar que acolhia crianças chinesas; nos passeios por Macau com as outras meninas e as mães era olhada com estranheza pelos transeuntes; quando vai viver para casa de Lucas Perene, na cidade chinesa, ela própria se sente deslocada e encara esse período como passageiro pensando um dia regressar ao seu mundo, à “cidade cristã”.



## LITERATURA

São várias as vezes que o autor nos fala dos espaços como recintos fechados e que não deixam as pessoas ter conhecimento do que se passa no mundo real, como por exemplo, Leontina fechada em casa dos Policarpo não conhece a rua nem a cidade e, posteriormente, enclausurada na Casa das Canossianas, não sente os mais leves reflexos da guerra que avassalava a Europa.

Apesar de fechada num determinado espaço há sempre algo que tira Leontina desse confinamento: quando fechada em casa ou durante o castigo enclausurada no quarto, tem os livros e a janela que lhe dão acesso a um mundo rico de vivências e de liberdade; Dona Crescência leva-a à igreja; quando mais crescida vai à Rua Central fazer os recados das Policarpo; as freiras levam-na a passear em determinados dias; as

saídas e as aventuras pela cidade quer quando alojada em casa de Júlia, quer após o nascimento do filho, quando vai fazendo incursões<sup>17</sup> no mundo que a tinha repellido, ou, quando em casa de Perene e na miséria em que vive, aparece Missy que lhe abre as portas da sua casa e lhe dá a oportunidade de minorar o seu sofrimento.

O autor vai revelando indícios de que, mesmo numa sociedade fechada e com códigos sociais bem definidos, em que cada um tem um determinado espaço físico e social, a mobilidade social é possível, mas, mesmo nestes casos, faz-lhe corresponder uma mudança das personagens para um outro espaço físico. O caso de Angélica é bem elucidativo e evidencia, de forma clara, esta indissociabilidade entre espaço e estatuto social. Angélica, para fugir aos maus-tratos do pai e da madastra foge com um chinês para a “cidade

Vista da Praia Grande, c. 1905. In Rogério Beltrão Coelho, *Álbum Macau 1844-1974*, 2.ª ed. (Macau: Fundação Oriente, 1990).



## LITERATURE

chinesa”, Rua da Erva, uma ruela perto do Hospital Kiang Wu o que provoca a crítica e a expulsão, tanto do lado cristão como da família chinesa. Casam pelos ritos budistas para ganharem alguma dignidade no meio onde vivem, mas Angélica continua a ser apelidada pelos seus como “amásia de chinês” (273). O sogro de Angélica era comerciante médio, mas próspero, de óleo de ostra e peixe salgado e, a partir do momento que a família chinesa decide aceitá-los, Angélica e Wai Hong mudam para a zona do Tap Seac, Estrada Adolfo Loureiro, bairro cheio de floricultores e perto do “sumptuoso Jardim de Lou Kao [...]”. A subida de *status* foi evidente” (274).

A mobilidade social está presente em quase todas as personagens: Lucas Perene ocupa vários espaços, conforme o estatuto social que adquire em cada momento da história, os Policarpo sonham com o casamento de Floriano com Elfrida para subir na escala social, as meninas sonham casar com rapazes da Praia Grande, etc.

Um outro aspecto que merece reflexão é um sentimento de humanidade, presente em todo o enredo. Mesmo nas situações de maior adversidade existe sempre uma bondade, um gesto de amizade, transversal a todos os grupos: Remígio Policarpo tira Leontina da cabana de Coloane; Dona Crescência é de uma bondade e altruísmo a toda a prova com Leontina; Eunice e a irmã Micaela apoiam-na na vida do Convento; Júlia acolhe-a em sua casa e dá-lhe trabalho e, mesmo no pior momento, quando se descobre a gravidez de Leontina, dá-lhe uma quantia considerável de dinheiro e roupa; Missy começa por lhe sorrir, guardar a porta, dar-lhe trabalho no negócio familiar de roupas para criança e acaba por ser a verdadeira mãe do filho de Leontina; o Padre Peregrino compreende a situação de Leontina e baptiza-lhe o filho, etc.

Macau é uma cidade onde há muita maledicência, chuchumequice e indiferença perante o sofrimento alheio, mas é, sobretudo, um lugar de gestos nobres entre os membros de cada uma das cidades e mesmo entre os da “cidade cristã” e da “cidade chinesa”.

MACAU NO ROMANCE *OS DORES*

Ao descrever a vida de Leontina das Dores, uma criança encontrada na Coloane do início do século xx por Floriano, filho de uma família macaense, o autor transporta-nos para uma variedade de ambiências. O



O cinematógrafo Vitória nos finais dos anos 20.

leitor entra nas casas senhoriais, nos botequins, nas primeiras salas de cinema, nas festas, etc. e, sobretudo, toma conhecimento com a cultura chinesa e portuguesa, nomeadamente, com a sociedade macaense.

Macau surge como uma personagem com vida e características próprias, na medida em que o autor descreve a cidade em contraste com a vizinha Hong Kong, Xangai e Portugal e com o mundo ocidental saído da Primeira Guerra Mundial.

Hong Kong, devido à sua proximidade, ao seu carácter cosmopolita e pelo facto de ser uma colónia britânica, é percebida como uma porta de contacto com o mundo ocidental. Era um lugar onde se ia “refrescar a mente” e apanhar “um banho de civilização” (75) e de progresso, ombreando com Paris, Londres, Nova Iorque e Xangai. Por ser considerada “um campo de oportunidades maior do que Macau” (139) muitos macaenses optavam por viver na colónia vizinha, onde trabalhavam, principalmente, no sector bancário.<sup>18</sup>

Ir a Hong Kong, “a fabulosa cidade” (154), fazer compras era sinal de poder económico e conferia estatuto social, pelo que funciona como um lugar de sonho. Elfrida Madruga mostra que é de uma família rica, importando o seu vestido de noiva de Hong Kong e Leontina sonha que Floriano a vem resgatar da sua tristeza e a leva para Hong Kong, onde irão viver o seu amor (169).

Numa referência a Xangai, do período pós Primeira Guerra Mundial, Senna Fernandes diz tratar-

## LITERATURA

-se de “uma grande metrópole comercial que entrara numa prosperidade alucinante” (74), apelidando-a de Paris do Oriente.

Cantão é apenas referido por albergar o Hospital Alemão de Cantão, famoso em todo o Extremo Oriente pela qualidade dos seus médicos (114-122).

As Montanhas de Shantung, no Nordeste da China, (122) são o sanatório para estrangeiros devido à sua paisagem exuberante e ao clima parecido com o da Suíça (114). Os “bons ares da montanha” (122) são uma alternativa para os que não podem ir para a Suíça tratar-se, mas, mesmo assim, fica longe de Macau e só é acessível a famílias ricas, visto a viagem ser dispendiosa e nem Floriano, filho de uma família abastada, tinha possibilidades financeiras para custear esta deslocação.

Portugal aparece no romance como “um país de que os padres mestres tanto falavam exaltando o amor pátrio” (31) e um lugar para onde os jovens aspiravam ir continuar os estudos após conclusão do liceu. Floriano acalentava o sonho de ir cursar Direito na Universidade de Coimbra, por considerar que “Macau era pequena demais para ele” (98). Em muitos casos, era um lugar imaginado por quem “nunca vira Portugal e falava de ouvido” (31) de um país que ficava no “outro extremo do mundo [...] a mês e tal de viagem de barco” (101). Há ainda referências à importação, por parte das famílias abastadas, de produtos portugueses, nomeadamente, os vinhos de mesa e o vinho do Porto.

Também Londres aparece como um destino para os estudantes que desejam prosseguir os estudos, como é o caso de Sebastião Madruga: filho de Comendador, fizera o ensino primário no Seminário de S. José e prosseguiu os estudos em Londres (109).

Há ainda duas referências a Timor mas, apenas, para nos dizer que em casa dos Policarpo se bebia café aromático de Timor e que “[c]omo não podia deixar de ser, na casa dos Madrugas, o café era de Timor” (111).

Por contraste com estes lugares, Macau é descrito como “[u]m sossegado burgo provinciano, sem dificuldades e problemas económicos de maior” (73), “fora dos circuitos internacionais e perdida num canto ribeirinho do Extremo Oriente, [...] vivendo metida consigo mesma” (*ibidem*).

A “pequenez da terra” leva o autor a afirmar que em Macau toda a gente se conhece (98) e tudo se sabe (118), tendo que se ter o máximo cuidado para não se cair nas bocas do mundo.

A falta de oportunidades para os jovens estudarem e singrarem na vida são aspectos evidenciados pelo autor que nos mostra, ainda, estarem as personagens conscientes desses condicionalismos; no entanto, a pacatez de Macau é realçada como um factor positivo que a põe a salvo dos horrores da guerra. A Primeira Grande Guerra pouca influência teve em Macau onde “a grande percentagem do povo” continuou “auferindo os mesmos hábitos e o mesmo estilo de vida” (73).

## ITINERÁRIO DO ROMANCE OS DORES

O romance tem início no canal entre as ilhas da Taipa e Coloane para, de seguida, nos transportar para a enseada de Seak Pai Van, onde barcos de recreio deslizavam para fundear na linha da praia. Aquela parte de Coloane “apresentava uma mata luxuriante de árvores e arbustos, para além do areal” (15) e a paisagem era animada pelos “gorjeios da passarada” (15). O resto da ilha era “uma paisagem imóvel, escalavrada, pesadas rochas graníticas e vegetação maninha” (15). Existem várias referências à ilha de Coloane que aparece descrita como um “antro de piratas” (21), uma ilha dos piratas (45), situada no cu de Judas (26). Nas colinas mais distantes existiam “fojos de piratas” (16) que podiam aparecer do lado de Coloane onde se encontrava “uma desconjuntada cabana de palha e bambu” (17) que servia de refúgio aos chineses mais pobres. Para além disso, devido a ser um lugar distante e isolado, tinham ali instalado a leprosaría de Ká Hó, “mas para lá chegar era preciso calcorrear caminhos de cabras” (93).

A praia, as rochas, a mata e as pedras povoam a paisagem visionada por um grupo de homens, pescadores por paixão, que regressam a Macau após um dia de pesca (16).

As poucas referências à ilha da Taipa dão-nos conta de ser um local propício para fazer piqueniques, no entanto, era raro ir-se a esta ilha, pois as excursões para a “terra-china” (243) eram mais cómodas e mais rápidas, através das Portas do Cerco. Existe ainda uma alusão à Praia da Esperança, na Taipa, de areia branca, “encimada por um renque de casas elegantes” (244) e à ermida de Nossa Senhora do Carmo (245).

Através da vida da personagem principal, Senna Fernandes revela-nos os cantos e recantos de Macau. Assim, Leontina, trazida para Macau por Remígio Policarpo, viveu muito tempo enclausurada na casa dos Policarpo, na Calçada de Santo Agostinho,<sup>19</sup> uma rua



Portas do Cerco, 1913.

que lhe estava interdita e da qual apenas lhe chegavam os ecos das “muitas pessoas que subiam e desciam por ela [...] os constantes pregões matinais e nocturnos dos vendilhões ambulantes de canja e de sopa de fitas, do padeiro de pão quente, do amolador de facas, do remendão de sapatos e do homem dos *tin-tins*” (39).

A primeira saída de Leontina é uma oportunidade para conhecermos a Calçada de Santo Agostinho, uma rua “íngreme e escorregadia e com casario aglomerado” (40).

Numa referência ao estatuto social das pessoas que moravam nesta artéria da cidade, diz tratar-se de famílias de classe média, tal como os Policarpo, família que vivia “bem e confortavelmente, com certa largueza, cozinha saborosa e trato hospitaleiro” (27).

Após seis meses, Leontina foi baptizada na igreja de S. Lourenço e é, também, esta igreja o primeiro lugar que visita, passados mais de dois anos<sup>20</sup> de reclusão em casa dos Policarpo. A *biche* acompanha D. Crescência à missa e este trajecto, de casa dos Policarpos (Calçada de Santo Agostinho) até à igreja

de S. Lourenço, permitiu-lhe ver lojas de “mouros”, vendilhões ambulantes, o poço<sup>21</sup> público de água cristalina, perto da escadaria para a igreja, e sentir o pulsar de uma rua barulhenta.

A igreja afigura-se-lhe como uma casa grande, com piso alto, cheia de bancos e estátuas de santos, destacando-se a “imagem severa e triste do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos” (57), povoada por alguns devotos e, sobretudo, por andorinhas que esvoaçavam de um lado para o outro e enchem o ar com o seu chilreio. Para além disso, tinha uma sala de convívio, onde as senhoras se reuniam para programar as actividades da paróquia (100) e um jardim, um espaço aberto com árvores, canteiros e borboletas.

No bairro de S. Lourenço vivia a aristocracia, como é o caso de Dona Emília Madruga “aparentada com algumas casas fidalgas de Portugal” (92) pelo que os casamentos das pessoas ricas, Elfrida e Floriano, se realizavam na igreja de S. Lourenço.

“Aos onze anos, Leontina tinha permissão de sair” (47) para ir aviar os recados das três Policarpo às lojas dos

## LITERATURA

“mouros” da Rua Central, “mesmo à esquina da Calçada de Santo Agostinho” (31), local de concentração dos “mouros” que vendiam toda uma variedade de materiais necessários à costura doméstica (botões, lantejoulas, novelos de lã, laços, ligas, fivelas, etc.). Nesta rua existia um “pequeno estanque de tabaco” (57) que abastecia D. Glafira com “finas cigarrilhas filipinas” (57) e lojas de guloseimas, rebuçados e chocolates para Alzira. Aos domingos, depois da missa das 11 na Sé Catedral, era costume subir a Rua Central para admirar as maravilhas das lojas dos “mouros”, a abarrotar de todas as novidades que faziam o encanto das senhoras.

O Asilo das Inválidas da Santa Casa da Misericórdia<sup>22</sup> acolhe viúvas sem grandes recursos e é aí que Dona Crescência, após uma longa espera e por influência do cunhado Remígio, consegue instalar-se “num quarto acanhado” (43). De facto, Dona Crescência, a Primázia, prima de D. Glafira, despromovida socialmente devido ao casamento com um sargento, após ter enviuvado, é acolhida na casa dos Policarpo e torna-se a fada madrinha de Leontina.

Largo do Leal Senado, 1938. In Rogério Beltrão Coelho, *Album Macau 1844-1974*, 2.ª ed. (Macau: Fundação Oriente, 1990).



Bondosa e culta é relegada para o Asilo após ter expressado a vontade de ensinar a *crioula* a tocar piano o que é visto por Glafira como uma ameaça, uma tentativa de colocar a *crioula* em pé de igualdade com as suas filhas.

É, contudo, a expulsão de Leontina de casa dos Policarpo que dá o mote ao escritor para nos revelar a cidade de Macau que “lhe pareceu assombrosamente grande” (57) já que a rapariga apenas conhecia a Rua Central, a parte dos “mouros”, a igreja de S. Lourenço e a igreja de Santo António<sup>23</sup> e tudo o resto lhe tinha sido interdito.

A viagem é feita de riquexó, meio de transporte mais comum, numa altura em que já havia automóveis, embora “raros” (127), e, agora, Leontina toma contacto com grandes casarões, ruas “plácidas”, o Bazar, o “dormente” e mal iluminado Largo do Leal Senado (174), o “burburinhante” Largo de S. Domingos, a Rua da Palha, a “calma” Rua de São Paulo, os “casarões assobradados dos abastados mamões<sup>24</sup> de Santo António” (27).

## LITERATURE



Casa de Beneficência, c. 1925. In Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho, *Album Macau: Memória da Cidade* (Macau: Livros do Oriente, 2005).

A Rua da Palha era uma artéria apertada onde se amontoavam “vendilhões de comidas, acepipes e fritos, penteadeiras [...] o barbeiro e o dentista ambulantes, com as suas clássicas cadeiras do ofício” (57), riquexós e muitas pessoas que faziam compras nas “lojecas”, que passavam na rua ou iam a caminho do mercado.

Esta rua teve um forte impacto naquela que, em breve, passaria de *crioula* dos Policarpo a *bambina* das Canossianas. Ficou apavorada “com a multidão de transeuntes” (57) “apressados que se acotovavam, os mendigos com choradas litanias, os vendilhões berrando à compita, o cheiro de alcaçuz, de cânfora e de ervas medicinais duma farmácia tradicional chinesa, o aroma de sândalo duma loja de pivetes e a zorra<sup>25</sup> vergada de lenha que subia a caminho da Rua de S. Paulo” (87).

Distraída a admirar a cidade, não vislumbrava que o seu destino era a Casa de Beneficência das Madres Canossianas que “recolhia todas as enjeitadas, encontradas a esmo pela cidade ou vindas do Asilo da Santa Infância” (26). Situado num largo, ao cima da Calçada do Botelho e da igreja de Santo António, o

Convento era um enorme casarão com uma fachada sombria e triste, com um pesado portão e uma aldrava para anunciar a chegada dos visitantes. No interior havia corredores, muitas portas, pátio interior com poço, árvores pequenas e canteiros de plantas floridas, “uma vasta e despida” sala de recreio, os dormitórios das alunas organizados segundo as idades. Deveria ser um edifício de rés-do-chão e primeiro andar porque é referido que, para chegar ao dormitório das mais crescidas, tinham que subir as escadas. O dormitório era amplo, “sombrio e despido”, com camas de ferro alinhadas e distribuídas em três filas e, junto a cada cama, havia um cacifo para os haveres das alunas.

A Casa de Beneficência das Madres Canossianas, durante a primeira parte do romance, aparece como um lugar para onde vão as crianças chinesas desprotegidas e, também, como o pior dos castigos. De facto, durante anos, “no auge das descomposturas, D. Glafira e as filhas ameaçavam-na” de a mandar para o Convento das Canossianas para se tornar numa *bambina*,<sup>26</sup> “um castigo impiedoso” (56). No entanto, apesar da nudez,

## LITERATURA

da austeridade do espaço e do rigor das regras, este é um lugar bem mais aprazível do que o lar dos Policarpo, onde Leontina cresce como pessoa e usufrui de algum prestígio social pelo facto de falar bem português e de ter umas feições caucasianas, afirmando o autor que “aquele recolhimento conventual fora uma bênção para ela” (60).

Este “mundo fechado” preparava as asiladas “para as lides domésticas, sem pretensões para voos mais altos” (60).

Leontina é recebida com uma certa estranheza e desconforto tanto entre as raparigas como entre as Madres. Hostilizada por umas e tratada como estranha por outras, é protegida por Madre Micaela e pelo grupo encabeçado por Eunice, que viam no convívio com ela uma forma de adquirir prestígio social.

Este espaço condiciona o futuro das raparigas, educadas apenas para trabalhos caseiros e para uma vida simples sem alimentarem sonhos de uma vida melhor. Mesmo Leontina, menina com uma educação esmerada e que falava um bom português e também chinês, só dentro da Casa tem possibilidade de ensinar as asiladas mais novas mas, após sair das Canossianas, segue o mesmo rumo que as restantes e, tal como Eunice, uma asilada asiática, vai trabalhar para o *atelier* de costura de Júlia, também ela saída do Convento.

O correspondente à Casa das Canossianas é o Asilo dos Órfãos, onde estavam os irmãos de Eunice, visto tratar-se de um asilo que recolhia rapazes órfãos ou de famílias sem recursos para sustentar os filhos, mas este espaço não ocupa um lugar predominante no romance, talvez devido a ter uma figura feminina como protagonista principal e, sobretudo, porque na cultura chinesa os filhos gozam de um estatuto superior ao das raparigas, não havendo tantos abandonos e sendo raros os casos de venda de filhos.

A vida na Casa das Canossianas decorria dentro de uma rotina interrompida pelos passeios das quintas-feiras, das quatro às cinco e meia, em que as raparigas, acompanhadas das Madres, em fila indiana, duas a duas, rumavam, normalmente, ao Jardim Camões ou percorriam as ruas da cidade, sem itinerário fixo. Iam, aleatoriamente, à Praia Grande, ao Jardim de S. Francisco, ao Campal, ao Jardim Vasco da Gama, à Estrada da Vitória ou ao bairro da Flora. Neste bairro havia “lindas vivendas, disseminadas entre vegetação tratada” (64).

Estes passeios revelam o contraste social porque vemos, por um lado, as *bambinas* das Canossianas

envergando um “severíssimo e feio uniforme cinzento [...] sem nenhum ornamento, nem mesmo pó-de-arroz” (64) e, por outro lado, podiam ver-se “manifestações de riqueza, gente bem vestida, crianças bem alimentadas, vigiadas pelas criadas” (64), etc.

A preocupação com a educação é visível, abundando alusões a: Seminário de S. José (28), para a formação de padres e o lugar onde muitos jovens macaenses receberam uma sólida educação (31); Externato do Seminário de S. José (186); Liceu (186); Colégio de Santa Rosa de Lima dedicado ao “ensino primário para meninas” que aí aprendiam “os rudimentos da instrução primária” (30) e Escola Comercial onde se aprendia inglês, “rudimentos de contabilidade” (30) e dactilografia, Portugal, com destaque para a Universidade de Coimbra, e Londres para onde se ia continuar os estudos, as escolas dos asilos, etc.

A escola é um espaço que todos podem frequentar mas cada uma delas está destinada a um grupo social e, em alguns casos, apenas a um dos sexos. Cada um tem acesso a um tipo de educação e, apesar de Leontina receber uma educação esmerada, através do esforço de D. Crescência, é o seu desembaraço nas lides domésticas e na costura que lhe garantem o sustento. Os seus conhecimentos causam admiração, mas não lhe dão oportunidade de ascensão social ou de uma vida melhor e, mesmo ela, só se vê a ser reconhecida pela sociedade como membro da “cidade cristã” através do casamento com Floriano, que nunca chega a acontecer e não pela educação.

Apenas no espaço restrito e fechado da Casa das Canossianas, a cor da pele, o domínio do português e o nível de conhecimentos, muito elevado para uma rapariga da idade dela, lhe permitem usufruir de um estatuto preferencial, tendo sido elevada à condição de professora das mais pequenas. No entanto, anseia sair para encontrar Floriano e viver o amor que por ele nutre e que lhe tem dado forças para aceitar resignada as agruras da vida.

A saída de Leontina do Convento permite-lhe usufruir de uma maior liberdade e de oportunidades para satisfazer a sua curiosidade de conhecer o mundo que lhe tinha estado interdito.

No percurso até ao *atelier* de costura da Júlia Matos, o amolador de facas, o homem dos *tin-tins* e os riquexós, transportando pessoas e bagagens, povoam as ruas.

Com a chegada de Leontina a casa de Júlia, Senna Fernandes, pelos olhos da protagonista, faz-nos mais um retrato do espaço que seria agora o seu novo lar e local de trabalho, situado num primeiro andar, com o *atelier* no rés-do-chão, na Rua do Hospital,<sup>27</sup> no seguimento da Rua de S. Domingos, ponto nevralgico da cidade, que servia o Baixo Monte e fazia a ligação da Rua do Campo com os Largos de S. Domingos e do Senado, ao Bazar. Júlia fora muito “hospitaleira” (77) e tinha-lhe destinado “um aposento de tamanho suficiente para se mover e, coisa melhor, um universo só seu. Uma janela, rasgava-se para o tardo do prédio, donde divisava o quintalzinho da casa com poço, uma ruela serpenteante de construções baixas. [...] Tinha, além do armário, uma cama de solteira de boas molas, um simples toucador de espelho redondo e uma escrivaninha” (77).

Nem mesmo agora a liberdade de passear pela cidade é total, porque havia todo um conjunto de preconceitos quanto a horas e locais mais adequados para uma rapariga frequentar.

A amizade de Eunice é o motor que impulsiona as aventuras pela cidade e as duas raparigas participam na vida social destinada aos jovens da sua condição social, vão ao cinema e passeiam pelas artérias da cidade.

Um dia, por acaso, vão ao Jardim Público de S. Francisco para ouvir a Banda Municipal e apreciar os “rapazes bonitos” (82). O acesso ao jardim podia fazer-se através de um portão gradeado ou por um portão mais pequeno que dava para a Baía, perto do Grémio Militar. Neste jardim há um coreto, um pavilhão chinês onde, na altura, funcionava uma casa de chá, mas o centro das atenções estava no “picadeiro” ou na rua principal, onde desfilava gente bem vestida. Áreas discretas e frondosas levavam até ao coreto. O mar estava a uns passos do jardim e a Baía da Praia Grande era um lugar mágico quando o sol se punha atrás da Ilha da Lapa (82), um lugar para passear (106). O mar de Macau tinha uma característica particular, era de um esverdeado carregado no mês de Abril (153) e as várias praias eram muito frequentadas, até pelos estrangeiros, durante a época balnear que começava em fins de Maio (153).

Frente ao Jardim de S. Francisco ficava a Rua de Santa Clara com os seus casarões albergando “gente influente” (83).

O Jardim de S. Francisco e o Jardim Vasco da Gama eram os eleitos pelas famílias para os passeios dominicais e para ouvir as bandas tocar nos coretos

(254) e os locais preferidos de Eunice por estes serem frequentados pelos “rapazes bonitos”.

Leontina, com alguma relutância, acompanhava Eunice ao cinema e ao Jardim Público de S. Francisco, para ouvir a Banda Municipal e apreciar os “rapazes bonitos” que por lá apareciam. Neste Jardim, Leontina não se sentia muito à vontade, já que o picadeiro e a rua principal do mesmo eram frequentados por gente bem vestida, e não queria sentir-se diminuída.

Um dos muitos acasos, que o autor é exímio a criar, fez com que as duas amigas saíssem do Jardim e, fruto da curiosidade e novidade para Leontina, deparam-se com uma paisagem que a arrebatou.

“A Baía da Praia Grande recobria-se de oiro do sol que declinava atrás da Ilha da Lapa. [...] Toda a orla do casario da Praia Grande, em curva graciosa, duma ponta à outra desde o Grémio Militar à arruinada Fortaleza do Bom Parto resplandecia, ornada de árvores frondosas. [...] a ermida da Penha, o Hotel Bela Vista, o Palacete de Santa Sancha, o Palácio do Governo, o Tribunal, os contornos superiores da igreja de S. Lourenço, do Seminário de S. José e da Sé Catedral” (82, 83).

O autor descreve, ainda, e de forma pictórica, a calma transmitida pelo movimento: “dos juncos preguiçosos nos ancoradouros”, das “lorchas e sampanas que balanceavam ao sabor da maré”, ou o frenesim “dos tancares diminutos num labor incessante de vaivém riscavam em tiras de espuma o manto esverdeado da água dos princípios de Setembro” (83).

No romance há referências breves a outros espaços, tais como: igreja de Santo Agostinho (57), igreja de Santo António (58) em cujo adro “[h]avia sempre conversa fiada” (279), igreja de S. Lázaro (84, 125), à calma Rua de S. Paulo (58), Travessa dos Anjos (84), Rua de S. Domingos (85), Rua da Palanchica (247), Rua das Lorchas (269), Rua das Alabardas (270), Rua da Prainha (238), Rua do Hospital dos Gatos, actual Rua George Chinnery, (238), Rua do Seminário (242), Rua Abreu Nunes (127), Rua dos Mercadores (119) muito movimentada às três da tarde, Largo de Camões (73), Tap Seac (152), zona militar interdita da fortaleza de D. Maria II; Hospital de S. Rafael (103), Mercado de S. Domingos, praia da Chácara do Leitão (155), morro pedregoso de Macau-Seak, mar das Nove Ilhas (158), etc.

Havia por toda a cidade muitos estabelecimentos comerciais: loja do vendedor de pato assado, loja de

## LITERATURA



Porto Interior, c. 1925. In Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).

fritos (267 e 269), loja de venda de cervejas (173), loja de venda de vinhos chineses (253), hospedaria chinesa na Rua do Bocage e outra numa esquina para a Praça Ponte e Horta, etc.

Os jovens vão festejar o aniversário de uma das raparigas numa casa de *fan-tim* (estabelecimento de comidas), na Rua das Estalagens, no Bazar (144) e Júlia, como recompensa pelo bom trabalho no *atelier*, convida as costureiras para jantar num *fan-tim* da Travessa dos Mastro (168) e para uma ida ao cinema.

O Fortim do 1.º de Dezembro (82) é descrito como um lugar onde os juncos recolhiam as velas, “lorchas e sampanas balanceavam ao sabor da maré” (82) e os pequenos tancas andavam numa azáfama. Havia ali um cais de pedra, em plano inclinado, onde todos os dias se descarregavam cestas de vime cheias de pescado (83).

Macau tinha, também, um cais do vapor da carreira “onde muita gente acorria” para se despedir ou receber os viajantes (122).

Os encontros de Leontina com outros personagens são o mote necessário para o autor nos dar a conhecer mais recantos de Macau. Assim, Lucas Perene fala-nos do Porto Interior, um espaço habitado por “gente

flutuante” (186), pelos trabalhadores das dragas da Capitania dos Portos (186), isto é, pessoas que tinham uma “mentalidade e um modo de vida” sem qualquer afinidade com a “cidade cristã” (187). É onde Lucas Perene se refugia após o escândalo provocado pelo divórcio, porque aí aceitam as pessoas sem perguntas e os ecos dos escândalos da “cidade cristã” não chegavam lá nem afectavam a vida das pessoas. Através das várias alusões ao Porto Interior transparece uma admiração do autor por este espaço, onde as personagens, dentro dos limites e das agruras da sua vida, são felizes e livres e onde existe amizade e respeito pelo Outro, qualquer que seja o seu estatuto social ou o tipo de vida. Perene foge de casa do pai e, mais tarde, de casa dos sogros, lugares onde vivia com certo conforto mas onde não era feliz e, a partir de certa altura, embora sinta pressão para mudar de profissão e se afastar do mundo do Porto Interior, vai reflectindo e mostrando que aquele é um mundo de liberdade e sem preconceitos e onde se pode ser livre e feliz.

Perene, exímio pescador à linha, é requisitado porque todos reconhecem a sua perícia em localizar o peixe, principalmente asas-amarelas, e conduz, com perícia, os pescadores pelos rochedos da Boca do

Inferno, de Cacilhas, da Ilha Verde, Pedra de Areca, Ma-La-Chau, ilha da Ribeira Grande da Lapa (258), etc.

É devido à sua fama de pescador que Perene é aceite como guia da expedição do grupo de amigos de Eunice que resolvem, para suavizar o rigor da Quaresma, ir pescar e fazer um piquenique. Nesse dia, Leontina toma contacto com um mundo que lhe era desconhecido: Montanha Russa, pinheiral da Guia, estância da Flora (de vivendas elegantes e fora de portas), palacete de Verão com jardim, canteiros e chafarizes, miradouros da Estrada de S. Francisco e da Estrada de Cacilhas de onde se avistava o mar repleto de juncos (142); Ramal dos Mouros de “vegetação compacta” (153) local para piqueniques e de onde, embora com bastante dificuldade, se podia aceder à Praia de Cacilhas, na qual não se aconselhava nadar mas se podia pescar, especialmente, “gordas asas-amarelas” (147); etc. A Praia de Cacilhas é descrita como uma “praia em concha suave, relativamente grande” (153) e de areia fina. Na ponta da baía de Cacilhas, havia um pequeno pagode rodeado de rochedos, local ideal para pescar asas-amarelas (148).

O Ramal dos Mouros, com o seu espesso arvoredado, “bosque compacto” (154), ficava “fora de portas” (147) e os pais só autorizavam os filhos a ir lá desde que acompanhados por pessoas mais velhas.

Mong-Há era um conjunto de terrenos baldios onde os jovens rapazes improvisavam um campo e aí jogavam partidas de futebol (82).

Perene é um personagem muito rico na medida em que se movimenta em vários meios e decide viver no Porto Interior onde se sente feliz no meio de gente que o aceita e que gosta dele, sem o querer mudar e tentar impor-lhe uma vida segundo um determinado padrão social. Mulherengo e jogador, conhece todas as vicissitudes de Macau e tem plena consciência de que, na “cidade cristã”, reprovam o seu estilo de vida e apenas o aceitam por interesse quando precisam de alguém para conduzir uma pescaria.

Num dos encontros com Leontina leva-a ao restaurante Fat Sio Lau e, para não chocar a rapariga, evita a porta principal que dava para a Rua da Felicidade, a “famosa artéria do amor” (174). No restaurante ouviam-se as vozes falsetes das cantadeiras, os acordes do alaúde e do *pei-pá*, o barulho dos tamancos, os gritos dos condutores de riquexó e os risos de mulher.

Um aspecto que merece realce tem a ver com a percepção do espaço por parte das personagens. De

facto, Perene, habituado a ir pescar para Coloane e a ouvir as histórias das gentes do Porto Interior, entendia que “em Macau, as distâncias nunca eram demasiadas” mas, por outro lado, a irmã, Angélica “que nunca saía do Território, trezentos metros era longe, um quilómetro, o fim do mundo” (275).

Também Leontina, na primeira vez que foi a casa de Lucas Perene, dominada pelo sentimento de desencanto e cheia de raiva e sede de vingança, não se deu conta da pobreza e da imundice que ali reinavam e, só quando assume que terá de aí viver, se interroga sobre como foi possível não ter visto o estado lastimável e a miséria daquele espaço e como Perene, pertencendo a uma família macaense e de algumas posses, pode viver naquele lugar. Depois de ter limpo e organizado a casa, esta parece-lhe menos desconfortável. Naquela pobreza encontra um pequeno espaço, apertado e entalado entre as paredes das casas, onde se situa o poço e elege-o como o seu local predilecto neste novo mundo onde a necessidade a obriga a viver.

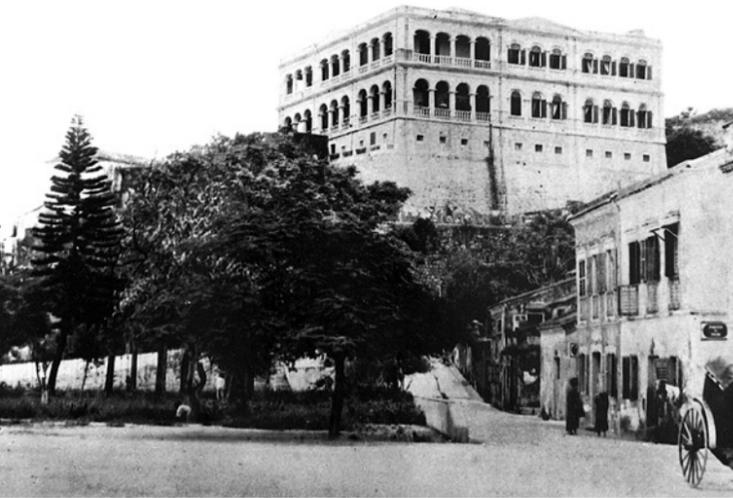
## MACAU, UM ESPAÇO FÍSICO E SOCIAL EM MUDANÇA

Com o final da Primeira Grande Guerra, Macau, que não tinha sido directamente afectada pelo conflito, sofre alterações, quer em termos topográficos, quer em termos sociais. De facto, o fim da Primeira Guerra Mundial trouxe a Macau “um vento imparável

Avenida Almeida Ribeiro, c. 1925. In Rogério Beltrão Coelho, *Álbum Macau 1844-1974*, 2.ª ed. (Macau: Fundação Oriente, 1990).



## LITERATURA



Hotel Boa Vista, c. 1900. In Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).

de modernidade” (73), visto que as antigas rotas comerciais foram restabelecidas e outras novas foram criadas e os porões dos barcos que aportavam a Macau vinham carregados de “novidades chocantes: modelos de automóveis nunca vistos, aparelhos eléctricos, gramofones e grafonolas, um nunca estancar de artigos variados que tornavam a existência mais confortável, mais amena e mais “civilizada” (74).

A abertura da Avenida Almeida Ribeiro, em 1915, veio tirar o brilho à Rua Central e as pessoas que queriam ser vistas e admirar nesta “as maravilhas importadas pelo mouros” passaram a frequentar ao domingo esta nova artéria, o que dava visibilidade e estatuto social:

“... recentemente completada Avenida de Almeida Ribeiro com as suas graciosas arcadas coloniais onde se concentravam as melhores lojas de comerciantes chineses, sapatarias, ourivesarias, casas de chá, artéria que, ligando em linha recta a Praia Grande com o Porto Interior, mas rasgando o histórico Bazar em duas partes, era, ao tempo, o orgulho de Macau” (76).

É aqui que Leontina passeia após a ida ao cinema e onde deseja entrar num café com Floriano para que todos a vejam com ele e a reconheçam socialmente e, é por esse facto que, no primeiro encontro ao fim de vários anos de separação, ela se insurge quando ele a convida para ir a uma loja de canja doce, cuja fama só ele reconhece, pretendendo apenas, ficar “protegido de curiosidades indiscretas e linguareiras” (86).

Mais uma vez Hong Kong e Xangai são referidas como as principais origens dessas novidades que chegavam a Macau, e que, de forma algo relutante, devido ao conservadorismo e aos preconceitos, iam ganhando adeptos quer no sector masculino quer no feminino, muito, também, por força dos “ingleses que se hospedavam no Hotel Bela Vista e nadavam nas praias de S. Pedro e do Bom Pastor, não obedecendo às regras e aos padrões de estilo local” (75). Penteados, sapatos e “belos figurinos” (75) faziam a inveja das mulheres locais, enquanto os homens passaram a usar “chapéu achatado de palhas com tarja preta”, (75) substituindo as gravatas por laços pequenos e colarinhos moles, muito mais práticos, tal como os fatos de fazenda clara substituíram os fatos pretos de Inverno e os brancos de Verão. O visual passou a ser mais leve, “imitando famosos actores latinos do cinema de faces escanhoadas, em vez de barba grossa e bigodes façanhudos” (75).

O cinema era o “elemento mais corrosivo” já que as “suas revelações eram tomadas como verdadeiras” (75) pelos inúmeros espectadores que enchiam barracões e armazéns adaptados a animatógrafos.

“... as madres e os padres invectivavam que o cinema era a fonte perversa do pecado, porque provocava a lascívia, a violência, os maus costumes e piores vícios. Não podia haver mais eficaz meio para o Inferno. As prédicas chegavam a aterrorizar os corações juvenis. Ficava-se mesmo com uma ideia negra do entretenimento” (79-80).

Todas estas alterações eram apresentadas, com alguma ousadia, principalmente do sector feminino, na missa das onze na Sé Catedral. “Vestidos, calçado, chapéus ‘modernos’ cabelos desbastados [...] acentuavam outra nota à missa” (76).

Pelo contrário, a “cidade chinesa”, “arreigada às suas ideias, estilo de vida, gostos e indumentária, ciosa dos seus padrões de existência, parecia viver costas voltadas ao quotidiano ocidental”<sup>28</sup> (76), não sendo afectada por todas estas mudanças.

As saídas à noite são frequentes, numa altura em que já havia luz nas casas (134) e nas ruas (137).

As lojas de canja e os pequenos restaurantes chineses são locais frequentados pelos jovens de várias classes sociais que aí vão para conviver e comer canja chinesa.

As mudanças que vão acontecendo na fisionomia de Macau e o sentimento de que alguns lugares irão, irremediavelmente, desaparecer para sempre não

passam despercebidas ao autor, aproveitando este, de forma natural, as atitudes das personagens para retratar o Macau em mudança e o sentimento de saudade gerado nas pessoas. Na praia de Cacilhas, Leontina fixa a paisagem na memória, porque sabe que, dentro em breve, tudo aquilo irá desaparecer para dar lugar ao porto novo, uma zona que irá transformar-se em aterros. “Esta praia está condenada. E é pena” (155).

#### “CIDADES DE MACAU” LIGAÇÃO DOS LUGARES ÀS PESSOAS E AO ESTATUTO SOCIAL

O espaço e a condição social estão vinculados, ao longo de todo o texto, e está bem patente na seguinte exclamação de espanto e quase incredibilidade: “Que mistério, aquele, o de uma garotita de traços caucásicos, no meio da petizada chinesa...?” (17) para, a seguir, afirmar: “Tirá-la daquele ambiente impunha-se” (18).

A descrição do lar dos Policarpas e a comparação com outras zonas da cidade mostram, de novo, a íntima

relação entre estatuto social e o local onde se mora, o tipo de casa e de decoração. Assim, os Policarpo são uma família de classe média<sup>29</sup> visto não pertencerem à “fina flor da Praia Grande e de S. Lourenço, da chamada Primeira Sociedade, nem terem a abastança dos mamões de Santo António” (27). Na Praia Grande reside a elite macaense e o sonho das meninas é casar com um menino desta zona. Feliciano Policarpo, pelo facto de saber inglês e de possuir dotes de boa dona de casa, sonhava casar com um menino da Praia Grande (30).

A descrição da casa dos Policarpo mostra que a habitação estava dividida em várias partes cada uma das quais habitada por um determinado grupo social: a dependência das criadas chinesas, uma diminuta arrecadação transformada em quarto de Leontina (uma espécie de limbo onde só ela se movimentava), “aquela que passou a ser a *crioula* ou criação dos Policarpas” (26) dormia separada dos criados, “numa divisória à parte” (34). A casa dos Policarpas tinha uma área onde “dominavam as mulheres”, o “gineceu das mulheres” (35), constituído pelo “quarto grande das meninas, o quarto de costura (*boudoir* de costura), a cozinha e o

Largo de de S. Lourenço, c. 1900. In Cecília Jorge e R. Beltrão Coelho, *Álbum Macau: Sítios, Gentes e Vivências* (Macau: Livros do Oriente, 1991).



## LITERATURA

## LITERATURE

quintal, onde os homens da casa, excepto Marcolino, praticamente não penetravam” (34).

Havia ainda o quarto de Floriano, “um largo aposento que apelidavam de biblioteca” (34), o quarto dos hóspedes, a sala de jantar, a sala de estar, o gabinete do dono da casa, vestíbulo e corredores.

A entrada da casa tinha pelo menos um degrau (“quando o ouviu pisar o degrau granítico da entrada”) (47) de pedra granítica e deveria tratar-se de uma casa de rés-do-chão e primeiro andar, “subindo para o primeiro andar e descendo para o rés-do-chão” (44). No quintal, acanhado e cercado por muros da vizinhança e da própria casa, havia um caramboleiro, plantas e flores, um banco de madeira carcomida.

O quarto de Leontina é o seu refúgio, o lugar onde tem oportunidade de devorar livros e de viajar para fora do mundo limitado, a que as Policarpo a queriam confinar, para conhecer a vida e o mundo. No entanto, trata-se de um diminuto cubículo onde só cabia uma estreita cama de ferro e um pequeno armário e cujo tecto não conseguia impedir a água, em noites de chuvada, de se infiltrar e pingar molhando a cama. Este reduzido pedaço da casa que lhe estava reservado tinha uma janela bastante larga, que dava acesso ao quintal, situada a um metro do chão, situação que fazia com que fosse bafejada pela brisa fresca do Verão e ficasse protegida dos ventos gelados de Inverno.

Embora não se tratasse de uma casa luxuosa, o facto de se encontrar muito limpa e arrumada e de possuir uma tapete persa e quadros nas paredes granjeia a aprovação de Emília Madruga, uma senhora que determinava quem podia ou não pertencer ao grupo de senhoras da elite aristocrática.

A casa dos Madruga é objecto de uma longa descrição por se tratar de uma família aristocrata que morava em Santo António. O autor concentra-se em descrever a ornamentação dizendo-nos que cheira a alfazema e benjoim, tem lustre no vestíbulo, a sala é grande e “pesadamente luxuosa”, sofás, poltronas, alcatifa persa, mesinhas espalhadas pela sala com valiosos ornamentos e bijutarias de porcelana, retratos a óleo dos pais dos donos da casa; quadros de paisagem inglesa, marinhas e de natureza morta, uma lareira falsa ostentando pratos da Companhia das Índias, armários envidraçados exibindo pratos, *abat-jours* “que convidavam à leitura, dois lustres enormes no tecto com lágrimas de cristal, ventoinha de tecto”(108).

A biblioteca é um aposento bastante amplo, perto da sala, três paredes com estantes acima do meio; na quarta parede havia duas janelas que davam para o quintal, uma secretária muito grande cheia de papéis e *dossiers*, tinteiro, caneta e mata-borrão encaixilhado e tudo de prata, livros de encadernação luxuosa e, mais ali, sofá e poltronas, para meditação e leitura, alumizados por *abat-jours* (112).

Como vimos já, a casa da Júlia ficava na Rua do Hospital. Se o quarto que foi destinado a Leontina era de tamanho suficiente para se mover e para uma cama de solteiro, um toucador de espelho, um armário e uma escrivaninha, já o quarto da Júlia tinha uma grande cama de casal, quadros e bijutarias, duas janelas viradas para a rua, mesinha de cabeceira, etc. No rés-do-chão ficava o *atelier* de costura.

A casa de Perene ficava no Baixo Monte, na Travessa de Sancho Pança (189), “uma rua calma” (205) onde de manhã se acordava com o cantar dos galos e os pregões dos vendilhões de comida; pequeno quintal; lâmpada eléctrica; janelas que davam para o “quintalzinho [...] pequeníssimo troço de terra apertado entre a casinha e a parede vizinha” (201); quartinho de banho; uma cozinha. Era uma casa muito pobre e que estava imunda, o que intrigava Leontina: “[c]omo aceitava assim viver José Lucas Perene, filho de classe média e que se apresentava com certa educação e estudos, não entrava no seu entendimento” (205). No tardo, havia um poço de água limpa, “cercado por altas paredes que não permitiam devassa alheia” (205); chão de madeira velha todo esburacado; nesta rua moravam chineses modestos; nas noites de calor e de luar as mulheres sentavam-se na rua e conversavam sobre tudo, mexericos, preços dos alimentos, mezinhas caseiras, etc. (278). Numa dessas noites, na tentativa de conquistar Leontina, José Lucas juntou-se ao grupo o que causou mal-estar porque “um homem nada tinha que fazer ali”(278).

Nem as igrejas escapam a esta associação com uma determinada classe social e a Sé Catedral surge como sendo frequentada pelas pessoas da sociedade. É aqui que se dá o Grito do Ipiranga, “na missa chique das onze horas de Domingo”, quando algumas senhoras da sociedade apareceram envergando a nova moda: roupa, calçado, chapéus modernos e cabelos desbastados. “Esqueceram-se as orações, a homília do padre, as atenções concentradas nos perfis que acentuavam outra nota à missa. Para longe arrenegados os resquícios da era vitoriana e mesmo da eduardina” (76).



Grémio Militar (actual Clube Militar), c. 1925. In Rogério Beltrão Coelho, *Album Macau 1844-1974*, 2.ª ed. (Macau: Fundação Oriente, 1990).

Como já anteriormente referido, o autor dá-nos uma visão de um Macau onde a mobilidade social é um sonho que, em alguns casos, se torna realidade. No caso dos Policarpo, o casamento de Floriano com Elfrida é um acontecimento que dá não só um maior estatuto social a Floriano mas a toda a família Policarpo enquanto que é visto pelos irmãos de Elfrida com um mau casamento porque se trata de casar com uma pessoa “fora da sua classe”(122). D. Emília incentiva o namoro e aceita o casamento da filha com Floriano porque, segundo ela, o rapaz “tinha planta de *gentleman*, qualidades e postura para furar barreiras sociais e misturar-se com as melhores famílias. Em confronto com os peralvilhos de “sangue azul” da terra, ele ultrapassava-os em muito” (100). A senhora não podia compreender como é que “um rebento de tanta categoria” podia ter nascido de “gente de meia tigela” (100).

Remígio Policarpo via na amizade da mulher com D. Emília “um trampolim para [...] se aproximar do

grande Sebastião Madruga” (94) e, assim, realizar o seu sonho de apertar a mão ao Governador (29) porque os Madruga têm acesso ao Palácio do Governo.

Ser convidado para casa de uma família de estatuto social elevado era uma enorme distinção porque “uma vez penetrados nos domínios da casa, quebravam-se as distâncias de classe e ficava-se com a grata sensação que todos eram iguais” (108).

O convite para a família Policarpo jantar na mansão dos Madruga, em Santo António, criou uma esperança, já que o casal Policarpo via no casamento de Floriano com Elfrida uma oportunidade para subir na escala social.

Macau é uma sociedade em que a “categoria”, dada pelo estatuto económico ou pela vida profissional, determina os lugares que se podem frequentar.

Há lugares que conferem prestígio social aos que neles conseguem pisar, tais como, o Palácio do Governo, o Clube de Macau e o Grémio Militar (actual Clube Militar). No Palácio do Governo tinham lugar as

## LITERATURA

recepções e os bailes para os quais só eram convidadas as pessoas importantes, pelo que, ser convidado para cruzar o umbral da entrada do Palácio “era o acume máximo de consideração para muito boa gente, no micro mundo de Macau. Era uma honra que satisfazia a vaidade, um privilégio” (29).

O autor de forma muito subtil dá-nos conta deste facto e, por exemplo, quando descreve Crescência diz-nos que esta casou com um sargento do Exército, desiludindo os pais que a tinham criado para altos voos e, agora, nem sequer podiam ser “sócios dos clubes de elite que eram o Clube de Macau e o Grémio Militar” (36).

Senna Fernandes numa alusão aos metropolitanos diz que estes gozam de estatuto social e isso é visível quando refere que D. Emília Madruga se relacionava com a “fina flor da elite” e abria a sua “rica mansão à Rua do Padre António, aos funcionários mais importantes da Administração, os quais durante a sua presença em Macau se enquadravam na elite (92).

As senhoras, como D. Glafira e D. Emília, encontram-se na missa, no terço, via-sacra e nas várias actividades em que participam “as senhoras paroquianas da igreja de S. Lourenço” (92) e os convites para casa, principalmente por parte das senhoras mais abastadas como D. Emília Madruga, eram tidos como um sinal de aproximação e, por conseguinte de ascensão social.

Mas, certa vez o acaso levou a que uma das reuniões com fins de caridade não se pudesse realizar na igreja.

D. Glafira viu aqui a oportunidade da aproximação tão ansiada com D. Emília e ofereceu a sua casa para que as senhoras se pudessem reunir. O convite apenas é aceite por Emília por se tratar de uma emergência e não se vislumbrar outro local onde esta pudesse ser efectuada; D. Emília só visitava a “aristocracia” (94) e “os Policarpo não pertenciam à aristocracia” (100).

D. Glafira teve que recorrer aos dotes de dona de casa para apresentar uma casa limpa e a brilhar e uma mesa farta com as melhores iguarias da culinária macaenses. “Na véspera do dia da reunião toda a casa andou em polvorosa [...] Queria tudo na ponta da unha. [...] Planeou um chá riquíssimo, fora das proporções de uma simples reunião” (94), o que não agradou ao marido que a dissuadiu a apresentar algo mais sóbrio, menos dispendioso, mas saboroso. Assim foi, e primou pelas iguarias da cozinha macaense que fizeram as delícias das

senhoras e convenceram, definitivamente, D. Emília a aceitar Glafira no rol das suas amigas, o que foi para esta uma verdadeira conquista.

A casa é o lugar onde se reúnem os amigos em animados serões, onde se tocava; Remígio, violino e D. Glafira, piano (28).

A costura e os bordados eram habilidades necessárias a uma boa dona de casa e, muitas das casas macaenses, dispunham de “*boudoir* de costura” (47); ter livros em casa aparece como algo comum em casa das famílias macaenses (45), o gabinete de trabalho de Remígio com estantes carregadas de livros; os homens ficaram à mesa para fumar os charutos e, depois disso, juntaram-se às senhoras na sala para o café.

Cada lugar tem um código e exige o cumprimento de regras para se poder sentir como seu e ser reconhecido pelo Outro como uma pertença natural, isto é, não se sentir estrangeiro e não sentir o olhar de estranheza dos outros.

Também os acontecimentos religiosos (Quaresma, procissões, missa, etc.) e os mundanos (Carnaval, cinema, bailes, passeios nos jardins, etc.) servem para quebrar as barreiras sociais. As procissões da Cruz e do Senhor dos Passos eram muito concorridas, na Quaresma toda a “cidade cristã” se remete para uma atitude de rigoroso recato e devoção, mas é o Carnaval que acorda a cidade da monotonia e coloca lado a lado toda a “cidade cristã”, sem distinção de classe social. É uma “longa tradição” e todos se divertem e brincam, “desentorpecem as pernas e entregam-se, de alma e coração, aos folguedos” (122), deixando de lado os problemas e as dificuldades da vida. Os preparativos começam nas três semanas anteriores com os ensaios das tunas que planeiam os “assaltos” às casas com possibilidades económicas para receber os foliões. As pessoas fantasiavam-se (bobos e mascarados): dominó, *chacha-velha*, “brejeirando em patoá [...] Metiam-se uns com os outros, linguagem solta que ninguém levava a mal por ser Carnaval [...] Tudo na brincadeira sem ofensa” (125).

No primeiro Carnaval de Leontina, o cortejo, que se realizava sempre à noite, passou pela Rua do Campo e dirigiu-se à Calçada do Gaio. A reacção das pessoas é de curiosidade: enquanto, das casas, espreitavam à janela, os transeuntes paravam “pasmados” com aquele grupo barulhento e as crianças chinesas soltavam uma “fraseologia desbocada” (127) em português, com distorção das consoantes. O

“assalto” consistia em, tuna e mascarados, irem a uma determinada casa que os esperava de porta aberta. Entravam todos e anfitriões, convidados e foliões rodopiavam ao som da tuna ou de grupos musicais. Eram servidas bebidas à discrição; bebidas alcoólicas, garrações de tinto e branco, refrescos, cerveja, ponche com sabor de hortelã e *gin* (128). Depois da meia-noite, era a hora da ceia mas antes “quebrava-se o anonimato das máscaras, como era costume” (132). Quem não tirasse a máscara corria o risco de ser convidado a retirar-se da festa. A multidão juntava-se à porta de casa dos “assaltados” para a ceia que era servida a todos. Durante a época de Carnaval os “assaltos” repetiam-se e eram ocasiões em que todos se misturavam num folguedo que permitia um espaço de encontro entre jovens. Remígio encontra Glafira num baile de Carnaval, dança toda a noite com ela e seis meses depois tornam-se marido e mulher (29) e Eunice, também, começa a namorar com aquele que irá ser o seu marido na noite de Carnaval.

“O Carnaval era sempre campo para o início de derriços e namoros que tantas vezes terminavam em coisa séria. A rigidez dos costumes quebrava-se, estava-se mais liberto de peias, havia um certo atrevimento inoportuno noutras ocasiões” (131, 132).

As tunas e os mascarados concentravam-se na Rua de Santa Clara, junto ao Jardim de S. Francisco, para depois seguirem até à casa do “assalto” onde todos eram recebidos de forma igual, independentemente da condição social. Podemos dizer que o Carnaval permite um quebrar da estrutura social rígida e aproxima as pessoas que se tornam iguais debaixo de máscaras e envergando as mais diversas fantasias.

Foi numa noite de Carnaval que Leontina se entregou a Floriano que a mimou com promessas de amor mas que, após essa noite, desaparece para se casar com a filha dos Madruga. Leontina acalentou a esperança de estar grávida de Floriano e, perante a desilusão, desenha um plano de vingança, o qual acaba por se voltar contra si própria: sai para se vingar de Floriano e acaba na cama de Perene, acto que, mais tarde, a obriga a ir viver na “cidade chinesa”.

A última imagem do romance mostra-nos Leontina à janela de casa, na Travessa de Sancho Pança, sentindo a monotonia do lugar e desejando sair o mais depressa possível daquele pequeno mundo, e um vulto trajado integralmente de preto, Floriano, que aparece na

esquina da Calçada das Virtudes e passa frente à janela (294) sem dar mostras de a reconhecer.

O leitor pode optar por vários desfechos, no entanto, o autor deixa-nos uma Leontina inconformada com a sua situação económica e social, uma mulher assaltada por um forte sentimento de não estar a viver no lugar a que pertence e que tenta sair da vida de monotonia e de mesmice para tentar reatar com o seu mundo, a sua gente. A sua luta interior e o sentir-se só, sem ninguém que a possa compreender, faz com que não consiga desenvolver o sentimento de maternidade, porque mesmo o filho que carregou no ventre é fruto da sua tenacidade em se vingar dos que a rejeitaram e não o filho que ela desejava ter e que lhe daria o lugar de membro da família Policarpo e o amor de Floriano.

Nas últimas páginas do romance vemos uma Leontina que se veste com esmero para percorrer espaços a que sente pertencer: sai da Rua de Sancho Pança e dirige-se à Sé para assistir à missa; vai a uma loja de canjas da Rua da Palha; no domingo, passeia na Avenida Almeida Ribeiro, etc. Escolhe o domingo porque era o dia ideal para ver e ser vista, principalmente nas missas de maior afluência, na Avenida Almeida Ribeiro, na Rua Central, nas *matinéas* dos cinemas e nos jardins públicos de Vasco da Gama e de S. Francisco (290). Vai à “missa das onze horas na Sé, a missa mais chique do tempo” (290).

Será que Leontina algum dia irá conseguir habitar o espaço que julga pertencer-lhe?

## CONCLUSÃO

O romance, como texto literário e, acima de tudo, como produto do imaginário do autor, assenta nas representações que este detém, quer no campo social quer no psicológico e cultural, e que determinam a acção, o espaço, o tempo e as personagens que o compõem. Esta afirmação aplica-se na perfeição a Henrique de Senna Fernandes visto tratar-se de um autor que escreve a partir da sua própria condição de macaense e nos dá conta de uma cidade com características peculiares.

Recorrendo às suas memórias reporta-nos para os inícios do século xx e fala-nos de uma cidade dividida em duas partes distintas, cada uma delas habitada por gente diferente, não só no aspecto psicológico mas, igualmente, no seu estatuto sociocultural.

## LITERATURA

Esta divisão é real, existindo, contudo, a ideia permanente de uma permeabilidade possível entre ambos os espaços, determinando, em última análise, a vida das personagens, a forma como se relacionam e são vistas pelo Outro.

Atento ao que se passa à sua volta, dá-nos conta de um aspecto relevante, verificado ao longo dos séculos: a mudança da cidade, fruto da influência que lhe chega principalmente do exterior.

Até 1915, a Rua Central era o local para onde as pessoas se dirigiam aos domingos, após a missa das onze na Sé Catedral, para apreciar as maravilhas importadas pelos “mouros” mas, a partir dessa data, a Avenida Almeida Ribeiro passa a ser o centro de todas as atenções, o centro nevrálgico da cidade.

São muitas as mudanças a que se assistiu, e alguns dos espaços aqui retratados há muito que desaparecerem. Porém, apesar das muitas alterações que transformaram a topografia de Macau, alguns

espaços descritos pelo autor, como a Sé Catedral, o Palacete de Santa Sancha, actual sede do Governo da RAEM, continuam inalterados e outros adquiriram outras funcionalidades, como é o caso do Hotel Bela Vista, o qual permaneceu como um hotel de referência até Dezembro de 1999, data a partir da qual passa a residência consular de Portugal.

A análise de *Os Dores* evidencia, de forma inequívoca, que o ambiente dos romances não é apenas um local onde acontece a acção que os caracteriza, mas um espaço que reflecte, igualmente, as características das personagens, onde se retrata uma espécie de geografia de sentimentos.

De conteúdo denso e rico o romance *Os Dores* não se esgota nesta abordagem, visto tratar-se, em nosso entender, de um documento que permite uma multiplicidade de leituras e uma descoberta constante de Macau nos seus aspectos físico, cultural e social. **RC**

- quando, a Macau visitar a amante mas sempre com a ideia, que acaba por concretizar, de a levar para Hong Kong.
- 19 Numa primeira referência ficamos a saber que os Policarpus viviam na Calçada do Tronco Velho (21); posteriormente, situa a família Policarpo na Calçada de Santo Agostinho (27, 28, 33, 36, 37, 43, 46, etc.). Trata-se, em ambos os casos, de artérias com ligação à Rua Central pelo que este facto não interfere com o conteúdo do romance.
- 20 Pelas referências do autor podemos concluir que Leontina esteve perto de três anos sem sair de casa visto que foi baptizada “seis meses depois” de ter chegado a casa dos Policarpo, “com cinco anos calculados” (27) e “a primeira saída se dar quando ela ia “a caminho de oito anos” (41).
- 21 Há uma referência frequente ao poço, sendo este um elemento que o autor destaca como importante na Macau da época. Os poços públicos, o poço da Igreja, o poço da Casa das Canossianas, o poço da casa de Lucas Perene, etc. A par deste elemento, encontramos referências ao riquexó como meio de transporte de pessoas e bens muito comum na altura, a biblioteca, presente em todas as casas das famílias macaenses mais abastadas, e ao jardim das casas mais ricas.
- 22 O Asilo das Inválidas (Seabra: 611), foi criado em 1900 num edifício da Santa Casa da Misericórdia onde anteriormente tinha funcionado um Asilo para Órfãos. Não existe uma referência directa ao papel da Santa Casa da Misericórdia, no entanto, ao longo do romance vai-se afluando a importância desta instituição na protecção dos órfãos, viúvas e dos mais desprotegidos, tanto chineses como portugueses.
- 23 É através da descrição de uma tradição enraizada em Macau mas que, também, está presente em Portugal, por exemplo em Viana do Castelo, que ficamos a conhecer as igrejas de Macau. “Correr as igrejas”, tradição que consistia numa peregrinação nocturna para “visitar as igrejas, pelo menos sete, a pé, representando os passos de

- Cristo, depois da prisão” (151). Esta noite era aproveitada pelos jovens para passear, até pouco depois das onze da noite, na *cidade cristã* longe da censura dos mais velho: “toda uma cidade na rua, nessa noite de devoção” (152).
- 24 “Mamão” é um termo usado em Macau para designar todo o filho do bairro de Santo António. Numa conferência proferida no Instituto Internacional de Macau, Senna Fernandes afirmou que “todos conheciam o bairro em que cada família vivia. O bairro de Santo António era o bairro dos *mamões*, os chás gordos que lá se davam “eram de caixão à cova”, tendo mesmo falecido uma pessoa durante um desses chás gordos; “era um indivíduo que comia, comia, e depois sentava-se, comia tanto que um dia morreu mesmo de tanto comer”, contou Senna Fernandes fazendo os presentes rir”. <http://macuantigo.blogspot.com/2010/01/memorias-de-henrique-senna-fernandes.html> [consultado em 02/01/14].
- 25 Zorra, carro baixo, com quatro rodas, para transporte de objectos muito pesados (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/zorra>). Consultado em 29-12-2013.
- 26 *Bambinos* nome usado para designar as órfãs, quase sempre chinesas, recolhidas pelo Asilo da Santa Infância das irmãs Canossianas. (cf. Pina Cabral, 1992: 16).
- 27 Actual Rua Pedro Nolasco da Silva.
- 28 A este propósito Brookshaw (2006) afirma: “Mas há, ao mesmo tempo, uma espécie de convivência, uma dependência da ‘cidade cristã’ e da ‘cidade chinesa’ que parecem viver de costas um para o outro”.
- 29 “Viviam bem e confortavelmente, com certa largueza, cozinha saborosa e trato hospitaleiro” (27).

## LITERATURE

## NOTAS

- 1 David Brookshaw (2006), referindo-se à divisão de Macau em cidade chinesa e cidade cristã.
- 2 Aquilo a que Lins (1976) chama de *ambientação* e que define como “os processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar na narrativa a noção de um determinado ambiente” (77), descrição esta que estaria intimamente ligada com recursos estilísticos e com a criatividade e o estilo do autor, conferindo um cariz artístico à narrativa.
- 3 Miguel de Senna Fernandes, no prefácio do romance *Os Dores*.
- 4 Chuchumequice – termo usado em Macau para designar o acto de “intromissão nos assuntos alheios, coscuvilhices”.
- 5 Miguel de Senna Fernandes, no prefácio do romance *Os Dores*. Conforme o Glossário desta obra, o termo *tin-tins* é usado para designar o “homem que compra objectos usados e se faz anunciar, pelas ruas, ao som de um ferro batido numa chapa metálica”.
- 6 Entrevista editada pelo jornal brasileiro *O Globo*, em 25 de Outubro de 2010.
- 7 Brookshaw (2006), “Entrevista” por Vanessa Sérgio (ver Bibliografia).
- 8 *Ibidem*.
- 9 *Ibidem*.
- 10 Para além do romance *Os Dores*, Miguel de Senna Fernandes afirmou ter o pai deixado vários manuscritos que irão ser publicados, tais como *A Noite Caiu em Dezembro*, entretanto publicado, em 2015, pelo Instituto Cultural do Governo da RAEM, e *O Pai das Orquídeas*, ainda a aguardar publicação.
- 11 Miguel de Senna Fernandes em entrevista a Hélder Beja, *Jornal Ponto Final*, Outubro de 2012.
- 12 As citações inseridas ao longo do texto nas quais se indica apenas a página foram retiradas da obra de Henrique de Senna Fernandes, *Os Dores*, 1.ª edição, Instituto Cultural de Macau, 2012.

- 13 *Os Dores* são uma obra inédita e inacabada, o que no entender de Miguel de Senna Fernandes não se deve a uma decisão deliberada mas, talvez, à falta de tempo ou ao autor se ter perdido no deambular por outras vidas e em conversa com outras gentes.
- 14 Victorina, em *Amor de Dedinhos de Pé e A-Leng*, de *Trança Feiticeira*.
- 15 Na primeira parte esta personagem é referida apenas como “uma rapariguita de cinco anos, branca e aloirada” (17); uma “garota” (17) de quem não se conhecia nem pai nem mãe (18); “uma garotita” (21) e apenas seis meses depois de ter ido para casa dos Policarpo, uma família católica, é que é baptizada e passa a ter nome: Leontina das Dores. Apesar disso vai sendo apelidada de *biche* ou *crioula* dos Policarpo e de *bambina* das Canossianas.
- 16 Pina Cabral (1992) refere ser frequente nos anos 30 e 40 do século xx, devido à guerra e à depressão económica, muitos pais chineses venderem ou abandonaram as filhas pelo que o número de órfãs em Macau era muito numeroso. Também havia rapazes órfãos ou abandonados mas em menor número. “entre 1876 e 1926, esta ordem religiosa [irmãs Canossianas] criou 32 960 raparigas chinesas abandonadas, por oposição a 1446 rapazes chineses” (*ibidem*, 16). Ainda este autor diz ser prática normal as famílias macaenses mais abastadas terem ao seu serviço “várias destas raparigas” e “a expressão portuguesa utilizada pela comunidade macaense para se referir a elas era ‘bichas’” (17). Segundo Senna Fernandes, “Era usual nas famílias macaenses recolherem-se crianças abandonadas ou enjeitadas [...] Eram as *biches* ou *crioulas*...” (26-27).
- 17 Passaia nas ruas da “cidade cristã”, baptiza o filho numa igreja católica, vai à missa à Sé, etc.
- 18 No romance, o Sr. Alexandre, macaense, vive em Hong Kong, é um importante funcionário bancário, ganha bem e vem, de vez em

## BIBLIOGRAFIA

- Abdallah-Pretceille, Martine (2010). “La littérature comme espace d’apprentissage de l’altérité et du divers”. *Synergies Brésil* n.º spécial 2, pp. 145-155.
- Brookshaw, David (2006). “Entrevista” por Vanessa Sérgio. *Plural Pluriel: revue des cultures de langue portugaise*, 3, Textes et Documents ([http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=161:numero-3-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57](http://www.pluralpluriel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=161:numero-3-textes-et-documents&catid=36:contes-croniques-poesie&Itemid=57)). Acesso em 20 Dezembro 2013.
- Cabral, João de Pina & Lourenço, Nelson (1992). “A questão das origens: As relações interétnicas e a condição feminina em Macau” *Sociologia. Problemas e Práticas*, 11, pp. 9-25.

- Lins, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* (1976). S. Paulo: Ática.
- Seabra, Leonor Diaz de (2007). “A mulher na Misericórdia de Macau”. *Administração - Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 76, pp. 605-617.
- Senna Fernandes, Henrique (2012). *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural do Governo da RAEM.